

## AS CONTRIBUIÇÕES DE RILDO COSSON PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.<sup>1</sup>

Carolini Guimel dos Santos Porto Gonçalves.<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O presente artigo busca compreender o papel da literatura na alfabetização, dentro da perspectiva de Rildo Cosson, com auxílio dos aportes teóricos de Magda Soares, ambos autores de referência no campo da alfabetização e da literatura na sala de aula. Foi feita uma pesquisa bibliográfica com análise de dados de caráter qualitativo com o objetivo de compreender o que os estudos acadêmicos apontam sobre o uso da literatura como recurso no processo de alfabetização.

**Palavras chaves:** Letramento, Alfabetização literária, letramento literário.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objeto de estudo investigar como a literatura infantil contribui com o processo de alfabetização e letramento dentro das perspectivas do autor Rildo Cosson sobre esse tema, com auxílio, também, da Professora Magda Soares.

O interesse desse artigo se deu pela literatura enquanto objeto de estudo que começou a partir das vivências dos estágios na graduação, onde percebe-se o quão

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido sob a orientação da Profa Dra Liliam Cristina Caldeira – FAED. UFMS.  
[liliam.caldeira@ufms.br](mailto:liliam.caldeira@ufms.br)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.  
[carolini.guimel@ufms.br](mailto:carolini.guimel@ufms.br)

essencial é escutar as crianças depois de uma leitura, a fim de compreender o entendimento delas e como elas interpretam a discussão dos temas literários. Isso possibilita que as crianças expressem o que entenderam sobre a história, sendo observada a importância de relacionar a história com o mundo real vivido pelas crianças.

Ao fazer a regência nos estágios entendi que o professor é aquele que provoca os alunos, aquele que intervém fazendo perguntas que estimulem a conversa e a troca entre eles. Também compreendi que, para o trabalho com a literatura contribuir com a formação do leitor é preciso que o trabalho pedagógico seja organizado de forma coerente e com essa finalidade.

Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema para conhecer a literatura científica atual sobre o mesmo. Foram analisados quatro artigos científicos, Mortatti (2013); Soares (2003); Cosson (2006) e Souza e Cosson (2018).

O presente artigo está subdividido em 3 seções: “Procedimentos Metodológicos”, onde será discutida a metodologia do artigo para a investigação do tema; “Concepções de Alfabetização e Letramento”, no qual apresenta as concepções teóricas adotadas para abordar a temática proposta; Identificar as contribuições do uso da literatura no processo de alfabetização e compreender a proposta de letramento literário conforme a perspectiva de Rildo Cosson.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A partir dos estágios da educação infantil e educação básica, procurei observar como as professoras trabalhavam a literatura infantil em sala de aula. Com isso, segui observando de modo mais criterioso a importância atribuída à literatura nos contextos nos quais estagiei e constatei que é frequente a literatura ser pouco empregada na rotina escolar.

Ao planejar as aulas pude conhecer de modo mais aprofundado produções de vários autores e muitas articulações que as histórias possibilitam, sem incorrer no risco de escolarização demasiada da leitura literária, dentro dos meus planos de aula, procurei por livros produzidos para o público infantil, e descobri grandes autores como Ruth Rocha, Chico Buarque, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, e Pedro Bandeira entre outros.

Isso foi aumentando meu repertório de leituras infantis, e foi e é essencial para a profissão docente. Por exemplo, o texto “O dono da Bola” de Ruth Rocha pode ser usado para trabalhar língua portuguesa, gramática e a mediação em sala de aula, trazendo ainda mensagens formativas sobre questões como egoísmo, incentivando que os alunos emprestem seus pertences a seus colegas e compartilhem dentro de nossa sociedade, uma vez que a escola é um contexto de estabelecimento de relações sociais.

Essas vivências deram origem ao problema de pesquisa proposto neste TCC: compreender o papel da literatura na alfabetização, dentro da perspectiva de Rildo Cosson.

Diante deste problema de pesquisa, realizou-se uma pesquisa exploratória que busca ampliar nossos conhecimentos acerca da formação do leitor literário. Esta busca foi realizada utilizando as seguintes plataformas: Portal de Periódicos da CAPES; Plataforma SciELO; e por meio do Google Acadêmico. Foram utilizadas as palavras-chave “literatura infantil” na primeira pesquisa, tendo como critério estudos feitos no Brasil e tendo como recorte o nome dos autores. Os artigos analisados foram classificados de acordo com a leitura do resumo, levando em consideração as informações pertinentes e possíveis contribuições para esse trabalho.

Com base na leitura de informações do título e do resumo, foi selecionado um artigo de cada site de acordo com sua relevância e potencial de contribuição para o estudo, conforme classificado pelos critérios delineados acima. Os trabalhos selecionados para contribuir com este artigo são, conforme seu autor e o ano de publicação: Mortatti (2013); Soares (2003a); Cosson (2006) e Souza e Cosson (2018).

### **3 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Entende-se, hoje em dia, que a alfabetização é parte indissociável do processo de letramento. Porém, apesar dessa indissociabilidade, ambos constituem processos diferentes, com definições próprias. Em seu artigo, Magda Soares (2003a), pontua que o letramento se trata de um processo relativamente amplo que enfatiza as práticas sociais de leitura e escrita - de forma que o indivíduo letrado

seria então um indivíduo capaz de participar de forma “efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.” (Soares,2003.p.6).

Por outro lado, a alfabetização não tem esta mesma ênfase, se tratando da “aprendizagem do sistema de escrita”. (Soares,2003.p.6).

Assim, a alfabetização faz parte do processo de letramento, sem se equivaler a ele, uma vez que não se refere à capacidade de um indivíduo de se engajar nas práticas sociais de escrita e leitura. A Professora Magda Soares (Soares,2003.p.6) pontua, ainda, que esta distinção é observada em outros países, descrita por palavras como *literacia* (Portugal) ou *literacy* (EUA e outros países anglófonos). Isso faz com que, na discussão da educação, esses países consigam dissociar problemas de letramento de problemas de alfabetização. Porém, no Brasil, os dois conceitos por muito tempo se viam mesclados, sem um reconhecimento apropriado das diferenças entre eles e da especificidade de cada um. (Soares,2003.p.6).

A discussão da especificidade de tais termos teve seu início em 1980, quando profissionais de ensino destacaram a necessidade de um conceito que fosse além da alfabetização, abarcando o uso competente da leitura e da escrita no contexto social. Foi a partir desta necessidade que criou-se o termo “letramento”, efetivamente separando (no mínimo a nível de produção acadêmica) o uso social da leitura e da escrita do uso e aprendizado de um sistema que permite que se represente a língua sonora em língua visível através do uso do sistema alfabético (SOARES, 2014).

Adicionalmente, cabe definir que o sistema alfabético pode ser caracterizado como um sistema notacional e de representação, servindo tanto para representar a cadeia sonora da fala (assim, um sistema de representação) e os fonemas (assim, de notação) por meio de grafemas. A alfabetização, então, seria o processo de aprendizagem de tal sistema e das normas e convenções para seu emprego. Ainda que essas distinções conceituais sejam importantes para a discussão teórica dos conceitos de alfabetização e letramento, destaca-se que na prática pedagógica é necessário tratá-los de forma integral, em sua totalidade como parte do processo de aprendizagem da língua escrita, sendo impossível dissociá-los sem criar uma concepção distorcida da linguagem na criança (Soares,2003.p.6).

Visto a necessidade de diferenciar ambos conceitos e, simultaneamente, entendê-los como partes de um processo único - o da aquisição da linguagem escrita - faz-se visível que o trabalho do professor como alfabetizador e educador é

altamente complexo, à medida que abarca múltiplos processos ocorrendo simultaneamente e em constante interação um com o outro conforme a criança é ensinada o sistema alfabético em conjunção com seu uso tanto a nível de suas normas quanto de suas funções sociais.

Além de complexo, verifica-se que o educador tem, também, um importante papel social, uma vez que a aquisição da linguagem escrita é praticamente condição essencial para uma vida digna dentro de uma sociedade grafocêntrica como a maioria das culturas ocidentais.

O professor deve, então, ter consciência desse papel e estar adequadamente preparado para exercê-lo, incentivando a criança a descobrir o mundo letrado através do uso de recursos que utilizam de sua curiosidade e perfil para este fim, como livros de literatura infantil, apresentados em um ambiente que eduque de forma crítica e contextualizada na cultura em que a criança está inserida. (FREITAS, 2012)

De acordo com Mortatti e Frade (2014), os métodos de alfabetização tendem a valorizar o princípio de uma pedagogia de leitura e de escrita como aprendizagem da linguagem e como conhecimento. Grande parte das crianças tem seu primeiro contato com a leitura, por meio dos livros nas escolas, no momento em que estão sendo alfabetizados, tendo assim uma proximidade a mais com a leitura, onde passam a identificar as letras e palavras, conseguindo compreender o que está escrito.

A literatura, por carregar consigo inúmeras funções sociais, culturais e didáticas, permite que o aluno acesse a utilização competente da linguagem escrita, própria do letramento, por meio de conteúdo que seja adequado a seu nível de aprendizado e, também, que mantenha seu interesse no assunto. (Mortatti e Frade 2014)

Nessa perspectiva, então, temos uma alfabetização literária, que contribui fortemente para o letramento da criança ao empregar a literatura como estratégia de alfabetização (dado a importância da literatura infantil, e o fato descrito por Mortatti de que esta tende a ser o primeiro contato da criança com a leitura).

Para Souza e Cosson (2018), essa alfabetização literária consiste em escolarizar a literatura, ou seja, trazer a literatura para dentro da escola de forma que esta não perca o verdadeiro sentido, que é humanizar, não tomá-la somente como uma disciplina, sem contextualização e discussão, para evitar que ela se torne

inadequada e transforme o que é literário e pedagógico. Isso está ligado, também, com a discussão de De Freitas (2012), que destaca a importância da criticidade na discussão do material literário apresentado às crianças e da necessidade da contextualização da mesma no aprendizado delas.

De acordo com Magda Soares (2004), a palavra letramento, assim como o seu conceito, foi introduzido na linguagem da Educação e Ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento se deu pela necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassassem apenas o domínio do sistema alfabético e ortográfico. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo evidência e importância à medida que o convívio social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar, no sentido tradicional (que se preocupa somente em ensinar a decifrar códigos, a ler e escrever) – a criança ou o adulto.

Soares (2003) distingue o processo de alfabetização e de letramento, para que um não se confunda com o outro, e, principalmente, para que o uso do termo letramento não acabe com a especificidade do processo de alfabetização: A complexidade desse processo está associada ao fato de a escrita ser um sistema de representação da realidade muito sofisticado, que se constituem no conjunto de "símbolos de segunda ordem, símbolos escritos que funcionam como designações dos símbolos verbais.

O letramento não é unicamente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 72). É importante também esclarecer que o conceito de letramento abarca dois fenômenos diferentes, embora complementares: a leitura e a escrita. Estes dois, por sua vez, são constituídos por um “conjunto de habilidades, comportamentos e conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum” (SOARES, 2004 p. 48-49).

Um indivíduo pode ser capaz de ler um bilhete e não ser capaz de ler uma notícia, pode ser capaz de escrever o nome e não ser capaz de escrever um bilhete, e assim por diante: “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (SOARES, 2004).

Visto este destaque à necessidade da aquisição do letramento como prática social que vai além da simples alfabetização, refletindo as habilidades de escrita e leitura adquiridas pelo indivíduo dentro de seu contexto social, nota-se a importância de se incorporar práticas de leitura e escrita de forma mais significativa, efetiva e não-alienada dentro da sociedade.

Como Soares (2004) destaca, um indivíduo pode ser capaz de ler um bilhete e não uma notícia - considera-se fundamental, então, um processo de letramento que crie leitores capazes de ler tanto um bilhete quanto uma notícia, ou seja, que tenham capacidade de utilizar suas habilidades de leitura e escrita para uma variedade de contextos, o que inclui o contexto literário.

Esse letramento mais amplo torna-se, então, necessário para a acessibilidade da literatura, à medida que busca-se formar leitores que são também capazes de compreender a literatura. Soares (1999, *apud*. Souza e Cosson, 2018) destaca que a escolarização da literatura só pode ser adequada quando ela “conduz a práticas de leitura que ocorrem no contexto social, a atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar”.

Dentro dessa perspectiva, se buscamos formar leitores literários, temos também que escolarizar a literatura de maneira apropriada, que respeite o texto original sem distorcê-lo e sem torná-lo meramente pedagógico, preservando seu contexto social de modo a promover este ideal de leitor que é capaz de acessar essa literatura.

Incorporando práticas de leitura e escrita na sociedade de forma significativa. Tomando como assertiva as colocações da autora Magda Soares, vemos a importância de entendermos o letramento como prática social que vai além da escrita e faz parte da formação social dos alunos.

#### **4 UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA CONCEPÇÃO DE RILDO COSSON**

Como se propõe à leitura literária na sala de aula? Como formar alunos leitores? Como fazer com que os estudantes compreendam o que leem? Por que os alunos não gostam de ler? São muitas as questões levantadas pelos professores acerca da leitura em sala de aula, já que um dos principais desafios dos professores se encontra justamente nas dificuldades encontradas nas aulas de leitura.

Cosson defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição; na verdade, esta depende daquela. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (PAULINO e COSSON, 2009, p. 23)

Dessa forma, no letramento literário não podemos simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou ficha, pois a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária.

Paulino e Cosson (2009) mostram as quatro etapas de uma proposta de sequência básica para o trabalho com a literatura: a motivação, que consiste na preparação do aluno para que ele “entre” no texto. Normalmente, essa etapa se dá de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que será lido e tem como objetivo principal incitar a leitura proposta. Já na introdução é feita a apresentação do autor e da obra. A terceira etapa é a leitura do texto em si, que deve ter um acompanhamento do professor. O autor chama esse acompanhamento de “intervalos”, no qual há a possibilidade de aferição da leitura.

O autor Cosson (2009), na construção de seus pressupostos teóricos, trabalha com teorias linguísticas sobre o processamento sociocognitivo da leitura, discutindo questões importantes como decodificação, interpretação, construção de sentido de um texto.

Quatro etapas compõem essa sequência básica: a motivação, que consiste na preparação do aluno para que ele “entre” no texto. Normalmente, essa etapa se dá de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que será lido e tem como objetivo principal incitar a leitura proposta. Já na introdução é feita a apresentação do autor e da obra. A terceira etapa é a leitura do texto em si, que deve ter um acompanhamento do professor. O autor chama esse acompanhamento de “intervalos”, no qual há a possibilidade de aferição da leitura, assim como solução de algumas dificuldades relacionadas à compreensão de vocabulário ou mesmo de



partes do texto. Tal sugestão é de fundamental importância para que o aluno não perca o interesse ao longo da leitura.

A última etapa é a interpretação e para o autor ela se dá em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interior compreende a decifração, é chamado de “encontro do leitor com a obra” e não pode ser de forma alguma substituído por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes, minisséries. Já o momento exterior é a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (Cosson, 2009, p. 65).

É no momento externo da interpretação que percebemos a diferença entre o letramento literário feito na escola e a leitura literária que fazemos de forma independente. Com base na teoria desenvolvida pelo autor, é interessante observar que, para que o aluno tenha prazer na leitura, ele precisa passar pelo letramento literário. A escola tem papel primordial nesse momento e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Leitores que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato.

Paulino e Cosson (2009, p. 65) defendem que: na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

A sequência expandida, que é outra orientação prática feita pelo professor Cosson (2009), tem as mesmas etapas que a sequência básica, no entanto, na expandida há dois momentos de interpretação. Um é a compreensão global dos textos, incluindo alguns aspectos formais e o segundo momento da interpretação é o aprofundamento de um dos aspectos do texto que seja mais pertinente para os propósitos do professor.

Na fase de expansão da sequência, Cosson enfatiza a importância de se destacar os processos de intertextualidade explorando os diálogos possíveis com outras obras, tanto as que a precedem quanto as que lhe são posteriores. Chegando ao final do tópico voltado para a prática do letramento literário, o autor aborda formas apropriadas e atuais para a avaliação do processo de leitura do texto literário.

Por fim, o autor conclui o livro apresentando oficinas que constituem mais uma ferramenta de trabalho para o professor. Rildo Cosson apresenta ao longo de

seu livro diversos relatos de experiências que foram estudados na disciplina ministrada por ele na faculdade e aplicados não só por ele, mas também pelos seus alunos. Há experiências muito boas, e há também relatos (além de questionamentos) de professores que participavam das oficinas que ele oferecia, o que confere credibilidade ao livro no sentido de ser possível se fazer o letramento literário na escola a partir das orientações apresentadas.

Letramento literário não é mais um livro feito por um acadêmico que está longe do “chão da escola” e isso talvez seja a grande vantagem do livro. Seu intuito, ao apresentar os relatos, não é - de forma alguma - tirar a autonomia do professor, nem apresentar “fórmulas mágicas”. Diferentemente, ele mostra que é possível fazer o letramento literário na escola e apresenta a forma que os fatos ocorreram. Esses exemplos são importantes, também, para aquele professor mais inseguro “testar” as sequências didáticas e, a partir de uma primeira experiência orientada, elaborar sua própria sequência, com outras obras e outras formas.

Tais características fazem de Letramento Literário: teoria e prática um livro de leitura obrigatória não só para aqueles que pretendem trabalhar com o texto literário na escola, mas também para os docentes interessados em fazer da escola um lugar no qual seja possível formar cidadãos que sejam leitores críticos de todo e qualquer gênero textual.

No âmbito da escola, os gêneros literários têm exercido, muitas vezes, o papel de pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua (COSSON, 2006). Outro engano reside no fato de associar a leitura literária ao prazer. Ninguém nasce gostando ou não de ler. É preciso despertar nas crianças o hábito de leitura, uns irão gostar, outros vão entender que é necessário, e assim por diante aprenderão. Trazer o ensino de literatura em uma prática significativa deve ser prioridade em nossas escolas, mas, para isso, é preciso repensar o conceito de literatura, seu valor e função social, ir ao encontro da necessidade de melhorar o ensino de literatura em nossas salas de aula.

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus ensinamentos e lazer. Tendo a leitura como objetivo principal desse tipo de letramento, o professor destaca que a leitura do aluno deve ser discutida, questionada e analisada. Cosson (2006) vai defender a construção de uma comunidade de leitores com o objetivo maior do letramento

literário na escola. A proposta que o pesquisador apresenta para os professores consiste em uma sequência básica e uma sequência expandida de letramento literário. O primeiro passo da sequência básica é a motivação, que consiste em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende desse primeiro encontro. A introdução é o segundo passo, e tem como base a apresentação do autor e da obra; sua função é que o aluno receba a obra de maneira positiva, portanto, não deve ser longa.

O terceiro passo é a leitura, que, por ser uma atividade escolar, precisa de acompanhamento, pois tem uma direção e um objetivo a cumprir. O professor, nessa etapa, deve acompanhar o processo de leitura dos alunos, com o intuito de auxiliá-los em suas dificuldades, inclusive no que diz respeito ao ritmo de leitura. Quando o texto for extenso, Cosson orienta que o ideal é que a leitura seja feita fora da escola, como em casa, em bibliotecas ou em salas de leitura por um período determinado. É importante que durante o período estabelecido, o professor convide os alunos, para que, em sala de aula, apresentem os resultados de suas leituras. Isso pode ser feito em uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história. Ao aplicar, cada professor poderá encontrar novos caminhos para um letramento literário adequado a seus alunos e à sua escola.

É importante também salientar o trabalhar de forma adequada o letramento literário nas escolas, e que é preciso problematizar e rever as práticas de leitura no contexto escolar. O professor ressalta que ler fragmentos de textos em livros didáticos, fazer fichas de leitura, provas e exercícios gramaticais baseados em textos literários parece não ter utilidade para os alunos, pois não objetivam trabalhar a leitura literária, e muito menos o letramento. São tarefas cansativas, que nada acrescentam a vida do estudante, com isso o professor é o principal responsável pela mediação entre o leitor e o livro no contexto escolar. Um dos papéis fundamentais do professor é o de apresentar obras literárias aos alunos, selecionar as obras que devem ser lidas e trabalhadas visando o letramento literário dos estudantes. Para a formação do leitor aprendiz, é indispensável a presença de um professor mediador.

Assim, se faz necessário que a escola privilegie a formação literária dos alunos através da leitura e de estratégias de ensino, e o professor deve assumir a posição de mediador do conhecimento, que conduz o processo. A inadequada

escolarização da literatura infantil e juvenil tem se mostrado como um dos fatores que contribuem para a formação incipiente e ineficaz dos leitores em idade escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, seguindo os estudos dos professores doutores na área da literatura e alfabetização e analisando pelos dados dos sites de pesquisas como o assunto é relevante e pertinente para educação Brasileira, e o quanto é importante profissionais que estão saindo da universidade como eu, carregar consigo uma base científica sobre a leitura e literatura, e que o objetivo maior é ver avanços nos índices educacionais e realmente formar alunos leitores e pessoas que cultivam o hábito de leitura, por mais mínimo que seja, a leitura transforma e leva os pensamentos a outros mundos.

Verifica-se, por meio da revisão de literatura feita neste artigo, que o letramento literário é indispensável na formação de alunos e leitores. Visto que o letramento deve corresponder ao ideal de leitor que se deseja formar, considera-se indispensável a formação de leitores que tenham capacidade de lidar com material literário, enfatizando a importância não só da leitura “casual” ou até mesmo a leitura somente profissional, mas também da leitura de literatura, de arte. Isso só pode ser feito quando a escolarização da literatura ocorre de maneira adequada, aproximando o aluno e suas atitudes, valores e ideais da leitura literária e não só da leitura pedagógica.

A literatura precisa de um adequado processo de escolarização, mas não de forma descaracterizada e negada sua função social, pois a adequada escolarização da literatura contribui para a formação dos estudantes em uma perspectiva do letramento literário.

Sabemos que ensinar e alfabetizar entrou em consonância com o modelo político neoliberal, fundamentando - se nas políticas educacionais e correspondentes “sistemas de avaliação” de habilidades e competências de leitura e escrita, as quais se espera que os alunos aprendam e que são definidoras da função do professor como mero “provedor de estratégias” para essa aprendizagem. Com base nesse estudo compreende-se, que as reflexões aqui apontadas visam contribuir para a

discussão de problemas e perspectivas para o ensino da leitura e da escrita no Brasil.

Assim, não se trata unicamente de direito do cidadão e dever do Estado. E não se pode considerar, principalmente no contexto atual de expansão globalizada da doutrina do neoliberalismo econômico e político, que o analfabetismo seja a causa da não conquista dos demais direitos, pelas populações de países pobres ou em desenvolvimento.

Concluimos que a proposta é a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento, entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, para que impeçamos a grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras.

Cumprido, por fim, enfatizar que o objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive.

## REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DE FREITAS, A. G. A importância da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13, p. 233-251, 2012. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/715>. Acesso em: 2 nov. 2023.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, T. M. K; ZILBERMAN, R. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Um balanço crítico da “década da alfabetização” no Brasil. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 33, n. 89, p. 15-34, jan./abr, 2013.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, p. 05 - 17, 2003a.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003b.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula. **Conteúdo e Didática de Alfabetização**, p. 101 - 107, 2018.